

Esboços de si: escrita autobiográfica em cadernos

Maria da Conceição Passeggi¹

Professora do Departamento de Educação/
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
cpasseggi@digizap.com.br

Tatyana Mabel Nobre Barbosa

Professora do Departamento de Educação/
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
tatyanamabel@uol.com.br



*A quatro mãos escrevemos este roteiro
para o palco de meu tempo
o meu destino e eu.
Nem sempre estamos afinados,
nem sempre nos levamos
a sério.*

(Lya Luft)

e stamos diante de quatro cadernos de duas professoras. Foram escritos para não serem mostrados. Por isso, ao nos inclinarmos sobre esses manuscritos é preciso falar baixo, ouvir o silêncio e ler à meia luz. “Por que tamanho sigilo?”. Ora, porque

¹ Membros do GRIFARS (Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia e Representações Sociais – CNPq).

essas escritas são assumidamente inacabadas! Esses cadernos são rastros de memórias. Três deles foram escritos no afã de construir um *memorial de formação*, que se tornará público e será exposto, por anos a fio, ao olhar do outro. O quarto caderno não. Ele foi sendo escrito com o mesmo afã, mas por quem acompanha a escrita do memorial e permanecerá guardado.

Neste texto, encontrará o leitor um ensaio sobre o mundo privado que os cadernos acolhem em sua intimidade. São fragmentos do processo de elaboração e acompanhamento dos memoriais de formação. Eles fazem parte do acervo de nossas pesquisas sobre a escrita (auto)biográfica na formação docente. Três deles constituem versões do memorial de uma professora-aluna² e o quarto são registros da professora-formadora e orientadora de memoriais. Diferentemente de outras escritas autobiográficas, nos quais o autor se coloca em cena por sua própria iniciativa, como nos diários, autobiografias e cartas, por exemplo, o que caracteriza os memoriais é que são escritos para responder a uma exigência institucional, como um exercício de reflexão sobre a formação docente. Este ensaio trata, portanto, de nossas impressões sobre esses textos privados que nos foram entregues como dádivas para alumiar o universo docente.

²Denominaremos aqui de professora-aluna uma graduanda de um instituto superior de formação, onde realizamos a pesquisa; e denominaremos de professora-formadora a responsável pelo acompanhamento biográfico na mesma instituição.



Os quatro cadernos

Os cadernos dessas professoras são fontes autobiográficas preciosas, pois nos guiam pelas veredas percorridas por uma professora que caminha para si, e por uma formadora que a acompanha nessa viagem de (re)conhecimento. Talvez agora espere o leitor entrar em seus segredos para saber o que elas contam sobre a formação, conquistas e hesitações nas instituições escolares e de formação... Mas, isso já é sabido! O que esses cadernos nos contam jorra de fontes autobiográficas e só transparece pelas marcas das mãos que lustram as folhas de papel em busca de palavras. As mãos de quem corta, com a ponta afiada da grafite, pedaços preciosos de sua história de onde emergem fragmentos da infância, da escola, das heranças docentes. A de quem desenha com cuidado o indizível, o intraduzível, na difícil tarefa de fazer com que na escrita da outra surja, no bordado, novas figuras de si.

Juntos, eles compõem um *patchwork biográfico*, mas com tramas ainda sem arremate, com pontos soltos sobre os riscados. Talvez, por isso, os tenhamos guardado por quase dez anos, sempre prometendo e nunca ousando estudá-los, contidas pelo sentimento de não merecermos conhecer esses abrigos das hesitações docentes. O caráter público do memorial deu-nos sempre o conforto da não intrusão, por isso tornaram-se objeto de nossas pesquisas. Sempre partimos deles para interpretar as diferentes camadas que moldavam as histórias dos professores, conjecturando intersecções, inferindo as razões das supressões e acréscimos ao rascunharem sobre si mesmos.

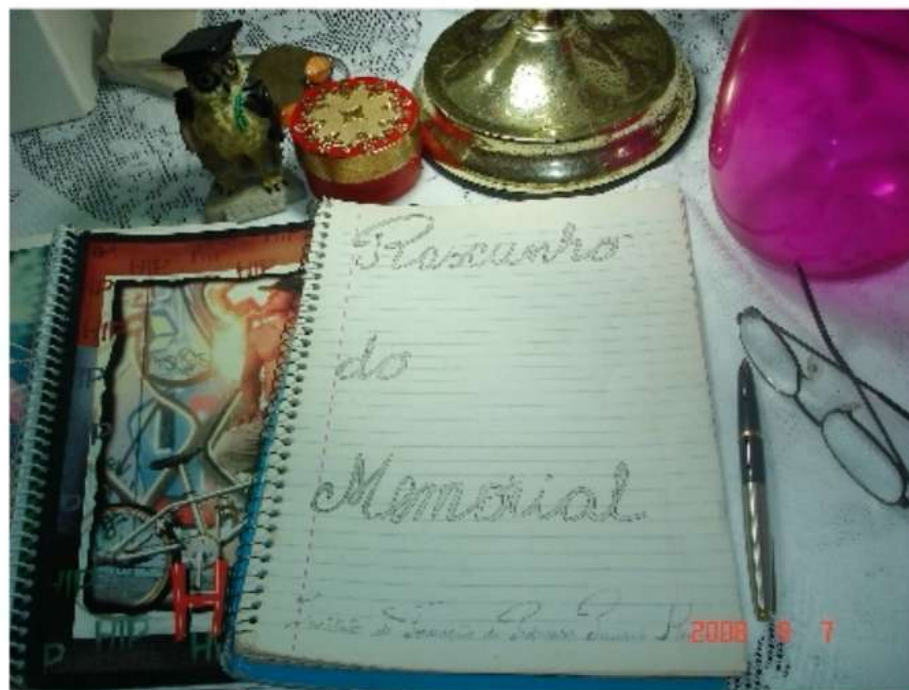
Hoje, nos sentimos estimuladas a começar o estudo da gênese dessa escrita, acompanhando seus movimentos a partir de dois lugares: o de quem escreve e o de quem acompanha.

Quando Narciso acha feio o que é espelho

*Pinto a mim mesmo porque sou sozinha e porque sou o assunto que
conheço melhor.
(Frida Kahlo)*

Frida Kahlo era a principal personagem de suas telas. Transformava-se em suas tintas e nelas se contemplava. Em seus cadernos, a professora-aluna também se transformava em suas palavras e nelas se contemplava. Seus cadernos eram seus primeiros espelhos onde esboçava versões de si, mesclando frases, cortando períodos, juntado falas, surgindo delas. Ela levava o caderno consigo para as sessões de acompanhamento autobiográfico, mas apenas sob

insistência. Capa cerrada. No entanto, não poupava comentários sobre o que estava escrevendo ali e relatava no pretérito o que deveria ser conjugado no futuro. Mas, quem quer tornar público seus borrões?! Seria o sentimento de não poder ainda se ver espelho? A fuga do rosto sem face? De uma vida sem história?



Rascunho do memorial

Os cadernos, manuscritos que teriam uma vida breve, refletiam dela uma imagem que estranhava. Sobrepondo figuras fugidias, o espelho lhe mostrava seus modelos docentes. As

imagens de professoras que lhe ensinaram a docência alternavam-se nesses primeiros esboços. Depois das primeiras páginas escritas, o caderno voltava com as anotações da professora-formadora. Encorajava-se!... Cotovelos sobre a mesa, mirava-se no caderno na busca de si mesma. Dividida entre o dever de escrever e o encantamento das descobertas de si, passava a página, trocando o pautado borrado pela folha de papel em branco. Abandonou o primeiro caderno, iniciou o seguinte, escreveu, finalmente, o terceiro, sempre com o mesmo propósito: o de fazer de sua vida uma história.

Nas chamas de Fênix destruí meus escritos

[...] a única utilidade deste livro é que funcionará como um caderno de esboços; como um artista que preenche suas páginas com partes e fragmentos, estudos de roupagem – pernas, braços e narizes – úteis a ele, sem dúvida, mas sem sentido algum para ninguém mais – também eu... apanho minha caneta e traço aqui quaisquer formas que tenha por acaso na cabeça...

(Virgínia Woolf)

Seria preciso morrer para renascer, como morre a semente para gerar a vida? Estranhas simbologias que habitam o imaginário presentificam-se na escrita de si. Assim parecia se realizar o ritual de destruição dos velhos cadernos, que ousamos pedir para guardar, sem saber ainda bem por que, mas nos pareciam preciosos demais para serem assim destruídos. As razões

mencionadas eram sempre a mesma: o texto não lhe agradava, não havia razão para guardar e por isso ia rasgar suas páginas e, com elas, rasgaria fragmentos de si.

Para Virgínia Woolf, o livro feito e acabado funcionava como cadernos de esboços, pedaços de si traçados por acaso, sem sentido, úteis apenas para encontrar outros modos de ser. Trocar de caderno era simbolicamente jogar fora fragmentos. Era preciso encontrar o fio para juntar as partes da história, mas *erde-la* era *erde-la*, ter uma história a contar era gestar-se. A professora renascia desse movimento a cada página manuscrita de seus cadernos. Versões de uma história que começava e arriscava a se perder no caminho do memorial. Elas sinalizam apagamentos e acréscimos (voluntários? Injuntivos?) que vão moldando representações de si e do outro no seio da instituição. Como recria ou transgride os modelos biográficos da academia? Em que campos a professora-aluna negocia as imagens que tem da escola, da formação, da criança que foi, da criança a quem ensina, da vida? Como tantas imagens se refletem num só espelho?

Essas são perguntas que ela sozinha não responderia. Como dar sentido às indecisões? Aos dilemas da docência? Que caminhos ainda percorrer? Como se projetar em devir? O grupo de colegas e a professora-formadora estavam lá para ouvi-la. No caderno da professora-formadora, encontramos os ecos dessas questões.

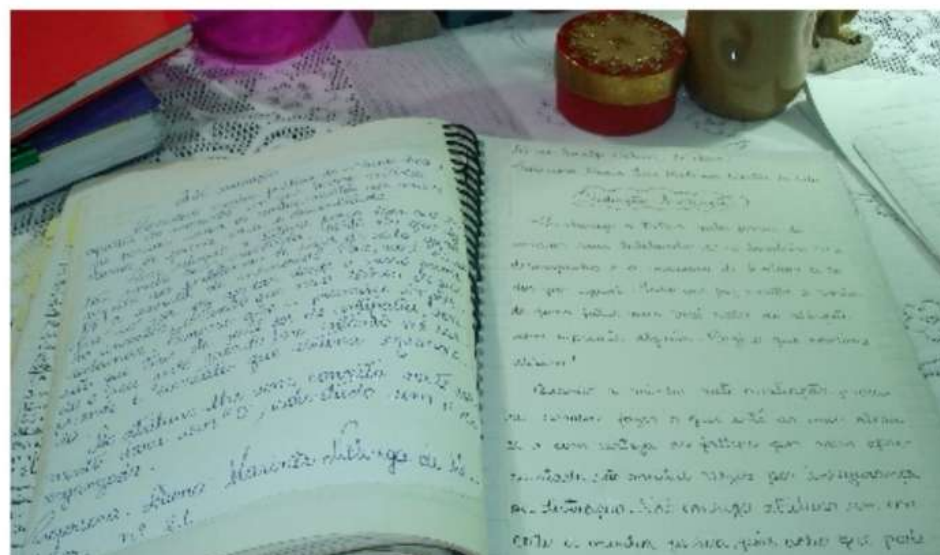
O oráculo me dirá quem sou?

*Não sou a areia
onde se desenha um par de asas
ou grades diante de uma janela.
Não sou apenas a pedra que rola
nas marés do mundo,
em cada praia renascendo outra.
Sou a orelha encostada na concha
da vida, sou construção e desmoronamento,
servo e senhor, e sou
mistério.*

(Lya Luft)

Para a professora-formadora, não era simples conduzir cada um no caminho de volta para si, trabalhar seu trajeto e projeto de autoconhecimento. São inúmeras e tortuosas as veredas a percorrer ao longo da mediação autobiográfica. O que dizer? Como e quando calar para que a professora-aluna pudesse fazer de sua vida uma história, com começo, meio e fim? Como ajudá-la a dar forma ao disforme? Ordenar os acontecimentos que se sobrepunham de modo caótico? No seu caderno, encontramos seus ensaios de respostas às indagações. Também escrito em horas tardias, com cuidado e zelo. Mas seus próprios dilemas estão pontuados pelas normas da instituição. A cada página, ela planeja, recenseia o que deve ser feito, aponta o que pode ser

evitado, elenca exemplos a serem seguidos e com pequenos textos e citações cria situações motivadoras da escrita.



O caderno da professora- formadora

Por encerrar “preceitos”, o seu caderno funcionava como oráculo, lugar onde buscar direções e sabedoria. Ele se colocava entre elas, recolhendo dúvidas e exalando saberes proféticos. A professora-formadora foi preenchendo as páginas com suas anotações sobre os autores lidos, suas notas de planejamento, auto-reflexões e pistas de orientação para as perguntas que lhe eram postas.



Caderno da tutora

As páginas desse caderno instruem sobre as etapas do acompanhamento da escrita de si, desde a motivação inicial, a preparação, até a entrega do memorial. Ele desvela no processo de escrita o esforço da orientadora para amenizar o medo inicial do outro a se aventurar em busca de si. Ela prossegue, página por página, juntando maneiras de ajudar ao grupo de professores, para que cada um seja capaz de dar à luz a si mesmo. Qual o segredo da transformação? Como cada professor(a) passa da contemplação da imagem no espelho, ainda confusa, do esboço inacabado ao reconhecimento de si, que se projeta sob nova forma? Como junta todos os fragmentos de vida, de si, de histórias? As respostas se escondem sob as folhas desses cadernos.

Pode o oráculo dizer à professora-aluna e à formadora quem elas são? Seriam, ao mesmo tempo, *a orelha encostada na concha da vida, a construção e seu desmoronamento, o servo e o senhor... e o mistério*: o de quem narra a sua vida para saber quem é, e o de quem acompanha a narrativa para ajudar a outra em permanente devir?

Em aberto

As escritas autobiográficas que deixaram suas marcas nesses cadernos permitem percorrer com eles o caminho trilhado pela professora-aluna para contar a história de suas aprendizagens e os passos da professora-orientadora para acompanhar esse retorno sobre si e suas epifanias.

Os cadernos da professora-aluna são rascunhos de seu memorial. Eles nos ajudam a perceber as diferentes etapas de suas interrogações e evidenciam o trabalho biográfico sobre as memórias escolar e da profissão docente que constituem a matéria-prima que vai sendo burilada no processo de (re)conhecimento de si. Preenchendo e abandonando cadernos, ela se rediz com outras palavras, busca outros sentidos nos esboços que vai traçando os fatos que lhe vêm à memória para depois ordená-los numa história.

No caderno da professora-formadora, encontramos os planejamentos e registros das atividades de orientação do memorial que nos revelam a intimidade da tarefa de acompanhar os alunos na aventura da escrita e reescrita de si.

Voltar nossa atenção para esses manuscritos nos permitiu ter acesso à intimidade das aprendizagens e às potencialidades da escrita autobiográfica como fonte de pesquisa e via de formação. Eles nos ajudaram a entrever desses dois lugares as tentativas de quem se formou e as de quem formou, a estar do lado de quem ajudou e do lado de quem venceu o medo, do lado de quem despertou o prazer da reflexão e do lado de quem conseguiu descobrir o prazer de se reinventar pela escrita autobiográfica nesses cadernos.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre; PASSEGGI, Maria da Conceição. Escritura feminina e mulher escrita: interfaces da formação autobiográfica docente. *Revista Educação em Questão*. V. 25, n. 10, set./dez. 2006. ISSN 0102-7735.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna (orgs). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS. Salvador: EDUNEB, 2006a.

PASSEGGI, Maria da Conceição, BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre; CARRILHO, Maria de Fátima; MELO, Maria José; GALVÃO, Patrícia Lúcia. Formação e Pesquisa autobiográfica. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (org). *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS. Salvador: EDUNEB, 2006b.